"ANGLICANISMO PERMANENTE"

Minha repugnância em relação ao “anglicanismo oficial” contemporâneo, que me leva a questionar o que as autoridades católicas do Canadá, que continuam a apoiar reuniões como a “Conferência de Mississauga” de maio de 2001 perto de Toronto, que reuniu 30 bispos “Anglicanos oficiais” e 30 bispos católicos para descobrir como as duas comunhões poderiam aproximar seus “caminhos de convergência”, esperam alcançar com tais desperdícios de tempo e dinheiro – abre espaço, no caso dos grupos do "anglicanismo permanente", para o respeito e a admiração. Admiro o amor pela ortodoxia cristã e a convicção de que a verdade é mais importante do que tudo que levaram os “Anglicanos permanentes” a tomar a difícil decisão de ir para o deserto e pagar o preço, muitas vezes deixando queridas e familiares igrejas para prestar seu culto em lugares pouco familiares e muitas vezes incongruentes. (Anglo-Católicos que ainda estão na ECUSA, especialmente clérigos, frequentemente me disseram que a razão principal para permanecer era que se conseguissem deixar a ECUSA com sua “instalação paroquial”, levariam consigo a grande maioria dos membros ativos de sua congregação, enquanto se tivessem que deixar a igreja para trás e presidir – como me disse um deles – "em um ginásio de colegial", talvez atraíssem apenas um quarto ou um terço deles).

No entanto, após duas décadas de “anglicanismo permanente”, é claro que nada pode impedir a fragmentação permanente da qual ele sofre desde sua origem em 1977-79. Em parte, isso parece ser devido a erros cometidos no início dos anos críticos previamente mencionados: a pressa em garantir um episcopado, mesmo às custas de uma irregularidade canônica aparente; a impossibilidade de chegar a um acordo sobre uma estrutura canônica para a Igreja Anglicana na América do Norte, como foi originalmente nomeada antes de se fragmentar; divergências nas posições teológicas e nas atitudes em relação ao exercício da autoridade entre os quatro bispos originalmente consagrados em Denver em 1979; assim como desavenças sobre a posição em relação a grupos religiosos de tradição anglicana cuja origem é anterior à crise da ECUSA sobre a ordenação de mulheres de 1973-74.

A isso podemos acrescentar que a questão de o que constitui a ortodoxia Anglicana surge de forma aguda no “anglicanismo permanente”, e, dado que existem três ou talvez quatro respostas possíveis, as divergências a esse respeito agravam fortemente outros motivos de divisão.

Quais são as possíveis respostas? Primeiramente, há o tipo de ortodoxia agressivamente Protestante Reformada que veria a ascensão do “Anglicanismo” desde os anos 1620 como um retrocesso da pureza da doutrina das reformas Elizabetanas e Edwardianas, assim como poderiam ver o *Book of Common Prayer* de 1662 como um enfraquecimento do Protestantismo claro dos de 1559 e 1552. Essa tendência poderia ser representada hoje como “anglicanismo oficial” pelo Arcebispado de Sydney, e, para além de suas fronteiras, pela Igreja da Inglaterra na África do Sul

(não confundir com a Igreja da Província da África do Sul, o grupo oficial, que em um tempo era uma igreja de alta, mas que se tornou liberal) e pela Igreja Episcopal Reformada da América.

Em seguida, menos univocamente protestantes em suas posições teológicas e desejando mais do que o legado do "anglicanismo histórico", enquanto permanecem univocamente Protestantes e de "baixa igreja" em sua concepção, figuram grupos como a Igreja Anglicana Ortodoxa e a "implosão" da Igreja Episcopal Unida, fundada por Dale Doren, um dos quatro bispos "anglicanos permanentes" consagrados em Denver em 1979.

Há, do outro lado do espectro do “anglicanismo permanente”, grupos de uma composição fortemente Anglo-Católica. Assim, a Província Anglicana do Cristo Rei (APCK), cuja Arquidiocese é liderada por Robert Morse, um dos bispos consagrados em Denver em 1979. Tive o privilégio de conversar com o arcebispo Morse, que me deixou claro que, se o Anglicanismo possuísse uma "base Católica", esta, em sua visão, foi definitivamente handicapada desde suas origens em 1559 pelo “compromisso Elizabetano”, como ele o chamava – uma tentativa de tornar os formulários o mais ambíguos possível, permitindo uma ampla introdução das “Atitudes, crenças e práticas Protestantes”. Ele dizia que era a missão de sua Província repudiar esse compromisso, a fim de produzir um Anglicanismo Católico verdadeiro. Para esse fim, conforme me confidenciou, havia se distanciado das outras “grupos anglicanos permanentes” que considerava ou Protestantes ou comprometidos em perpetuar o "compromisso Elizabetano".

Havia também o Sínodo Anglicano nas Américas, com seu metropolitano, Herbert Groce, que se reivindicava como a Província Americana da Igreja Católica Independente das Filipinas, que também assumiu uma posição de “Catolicismo Ocidental”. Mas, no início de 2002, todos os bispos desse grupo, exceto um, anunciaram a fusão entre sua “jurisdição” e um grupo “Anglicano permanente” menos Anglo-Católico, deixando o último bispo e sua pequena quantidade de clérigos (que cabiam nos dedos de uma mão) isolados em Delaware e na costa leste de Maryland. A APCK não parece ter uma devoção particular à Reforma ou algum problema fundamental com a papalidade em si mesma; no entanto, a maioria de seus líderes poderia rejeitar *Apostolicae Curae* do Papa Leão XIII (que declarou os ordens Anglicanos como inválidos) ou interpelar a papalidade sobre sua recusa histórica de aceitar a natureza “Católica” da Igreja da Inglaterra e de suas igrejas irmãs.

A Igreja Anglicana Católica (ACC), ao contrário, pelo menos após a perda de metade de seus participantes em 1991 com a fusão entre os apoiadores do Arcebispo Louis Falk com a Igreja Episcopal Americana de Anthony Clavier e antes de seu cisma em 1997, aspirava a uma espécie de “Ortodoxia Ocidental”, vendo o Anglicanismo como um redirecionamento, pelo menos em parte, dessa Ortodoxia comum do primeiro milênio que foi, no Ocidente, obscurecida pela ascensão do "papalismo" a partir do século 11. No entanto, dizem que a ACC minimizou a natureza normativa dessa visão “pro-orientalista” desde 1997, embora eu ignore se isso é verdade. O grupo minoritário após o cisma de 1997, a Santa Igreja Católica de Rito Anglicano, não mantém a normatividade da teologia Ortodoxa para uma verdadeira compreensão da catolicidade, mas sustenta que a tradição litúrgica e o gênio espiritual Anglicano podem representá-la adequadamente em um modo Ocidental. Porém, em 1999, esse grupo também se dividiu com a aparição da Santa Igreja Católica de Rito Ocidental, que, considerando o Anglicanismo histórico como uma tentativa de resolver os “problemas Ocidentais” em princípios Ocidentais e, em última análise, simplesmente somando os

problemas, deixou de se considerar "Anglicana", utilizando uma liturgia no estilo do *Book of Common Prayer*, com um Cânon Romano "Gregoriano" (como eles o definem) utilizado exclusivamente.

Fortemente Protestante de um lado e fortemente “Católica” do outro (Ocidental ou Oriental), existem outras possibilidades? Não se esperaria encontrar o liberalismo que triunfa na ECUSA nesses meios de “anglicanos permanentes”, e eu não encontrei nenhum (a menos que consideremos a AMiA como “liberal” devido à sua posição ambígua sobre a ordenação de mulheres), mas pode haver grupos que apresentem algumas características aparentes de “igreja ampla”, que poderiam ser caracterizados como desejando retornar a uma versão da Igreja Episcopal tal como acreditam que teria sido "antes da Queda", talvez por volta de 1950 ou um pouco antes, digamos em 1928. A Igreja Anglicana na América do Arcebispo Louis Falk parece se aproximar disso, pelo menos em alguns dioceses, embora seu clero seja majoritariamente Anglo-Católico em suas visões. A Província Anglicana de Walter Grundorf poderia se aproximar ainda mais, com sua atitude permissiva em relação ao divórcio e ao "novos casamentos" entre clérigos e leigos.

Sem dúvida, existem outros grupos que ignoro cujas atitudes teológicas pertencem a um ou outro dos paradigmas que esbocei acima.

E para completar o quadro, há aqueles que tentaram perpetuar certos aspectos de seu patrimônio Anglicano em outros contextos: os Católicos de Rito Anglicano da “Reserva Pastoral” (veja mais adiante), mas também as paróquias encontradas em várias jurisdições Ortodoxas, e algumas congregações da “Igreja Católica Nacional Polonesa” cujos membros e clérigos são (ou eram) da tradição Episcopal.

Assim como ocorre com o “Rito Ortodoxo Ocidental”, a legitimidade real de tal conceito é fortemente questionada por algumas igrejas e teólogos Ortodoxos, particularmente de ascendência grega, na medida em que, no mundo contemporâneo, a tradição bizantina do culto, das orações e da disciplina é um dos sinais de reconhecimento da Ortodoxia, que se protege dos riscos de diluição da identidade Ortodoxa, ou do que a implementação do "Rito Ocidental" Ortodoxo possa se aproximar do tipo de Rito Oriental "Uniate" do Catolicismo, ao qual os Ortodoxos se opõem tão fortemente.

Ademais, entre os Ortodoxos que aceitam a legitimidade da Ortodoxia de "Rito Ocidental", a maioria estipula que os únicos ritos “Ocidentais” seriam aqueles anteriores ao cisma entre Oriente e Ocidente, como o Rito Romano – com a supressão do que é visto pelos Ortodoxos como adições heterodoxas posteriores, como o *filioque* do Credo e talvez adições como uma epiclese explícita para alinhar esses ritos com o ensino Ortodoxo. Muitos também insistiriam na ressurreição ou recriação de ritos extintos, como o “Rito Galicano” Francês de antes do século IX – uma tarefa empreendida desde 1940 por uma pequena Igreja Ortodoxa Francesa que foi acusada de tendências gnósticas e que, repetidamente, foi admitida em, e depois excluída da comunhão de uma ou outra das igrejas Ortodoxas históricas – que não deve ser encorajada a nenhum custo. A maioria das paróquias Ortodoxas de “Rito Ocidental” de contexto Anglicano utiliza uma versão do Missal Romano traduzido para o Inglês “Cranmeriano” para seu culto.

De forma semelhante à Igreja Católica Nacional Polonesa (PNCC), a experiência conduzida de 1976 a 1985 com o clero e as paróquias ex-episcopalianas revelou-se insatisfatória para ambos os lados. Ficou claro, por um lado, que muitos dos ex-episcopalianos desejavam mais autonomia paroquial e a continuidade de sua existência anterior como episcopalianos, o que a PNCC não estava disposta a conceder – sem falar nas ambições episcopais, satisfeitas em outros lugares, de certos clérigos – e, por outro lado, que algumas correntes de opinião fortes dentro da PNCC desejavam que essas paróquias adotassem a liturgia e o gênio da PNCC após um curto período de transição. No PNCC, resta apenas uma única paróquia de origem episcopaliano em Denver, Colorado.

Para concluir, acredito que a dificuldade da questão da natureza da “ortodoxia Anglicana”, e o fato de que respostas contraditórias, embora plausíveis, possam ser dadas, significa que os grupos “anglicanos permanentes” vão, ou continuar a se fragmentar ou pelo menos se direcionar a outro grupo em acordo com suas diferentes respostas à questão – ou, se isso não ocorrer, será apenas por razões pragmáticas, como demonstram alguns dos "concordados" singulares entre grupos bastante improváveis de "anglicanos permanentes". Alguns desses grupos podem prosperar, outros podem desaparecer, e é bem possível que no final o verdadeiro conceito de "anglicanismo permanente" se esvazie de seu sentido na prática, dada a grande diversidade existente.

Revision #3
Created 17 August 2024 03:16:16 by Admin
Updated 17 August 2024 23:28:43 by Admin